

ALAA AL ASWANY

E nós cobrimos seus olhos

Uma novela e outros contos

Tradução do árabe
Safa A-C Jubran



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2004 by Alaa Al Aswany

Todos os direitos reservados.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Nirân Sadîqa

Capa

Julia, www.julia.uk.com

Preparação

Leny Cordeiro

Revisão

Renata Lopes Del Nero

Luciane Helena Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Aswany, Alaa Al

E nós cobrimos seus olhos: uma novela e outros contos / Alaa Al Aswany; tradução do árabe Safa A-C Jubran. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Título original: Nirân Sadîqa.

ISBN 978-85-359-2290-5

1. Contos árabes I. Título.

13 - 05335

CDD - 892.73

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos: Literatura árabe

892.73

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Introdução, 9

O caderno de Issam Abdulâti, 23

O bobalhão, 103

E nós cobrimos seus olhos, 120

Ao senhor responsável pelo ar condicionado da sala, 130

Ordem administrativa, 138

No momento da quebra, 141

Latim e grego, 147

Um velho vestido azul e um lenço para cobrir a cabeça, 154

Izzat Amîn Iskandar, 162

Makârim, minha querida irmã, 167

As tristezas do Hagg Ahmad, 171

Esperando o líder, 177

Um olhar para o rosto de Naji, 187

Por quê, Sayyid? (Uma pergunta), 193

Aula de recreação, 195

Cães bóxer, de todas as cores, 201

Madame Zetta Mendès: a última imagem, 206

O caderno de Issam Abdulâti

1.

Se eu não fosse egípcio, gostaria de ser egípcio.

Mustafá Kâmil*

Escolhi iniciar este caderno com a frase acima por ser, em minha opinião, a frase mais tola que já ouvi na vida! Ela representa — a despeito da sinceridade de seu dono — uma ingênua fidelidade tribal, que me deixa furioso só de pensar. Se o sr. Mustafá Kâmil nascesse chinês ou indiano, teria dito essa frase de orgulho sobre sua nacionalidade chinesa ou indiana? E poderia tal orgulho ter validade se fosse produto de uma coincidência? Se Mustafá Kâmil pudesse escolher ser egípcio — conforme alega, por vontade consciente —, teria por certo razões importantes

* Mustafá Kâmil (1874-1908) foi um líder nacionalista egípcio. [Todas as notas são da tradutora.]

para tal escolha! Acreditava que no povo egípcio existem virtudes faltantes em outro povo! Que virtudes seriam essas? Distinguem-se os egípcios, por exemplo, por sua seriedade e dedicação ao trabalho, como os alemães e os japoneses? Gostam de aventuras e mudanças como os americanos? Honraram a história e as artes como os franceses e os italianos? Não, eles não apresentam nada disso. O que caracteriza os egípcios então? Onde estão suas virtudes? Eu desafio qualquer pessoa a mencionar uma única virtude egípcia! A covardia e a hipocrisia; a enganação e o cinismo, a preguiça e o desprezo, são essas as nossas características egípcias, e por saber a verdade a nosso respeito, nós a disfarçamos com gritos, mentiras e retumbantes slogans vazios que repetimos dia e noite para nosso “grandioso” povo. O triste é que, de tanto repetir as mentiras, acabamos acreditando nelas. Ademais — e isso é surpreendente — organizamos nossas mentiras em canções e hinos. Já ouviram falar de algum povo que faz isso? Por acaso, os ingleses cantam: “Oh, Inglaterra, nossa terra, seu chão é feito de mármore; almíscar e âmbar são o aroma de sua terra”. Essas banalidades fazem parte de nossos atributos enraizados!

Pasmem! Numa apostila de leitura adotada pelo segundo ano do ensino fundamental, leio: “Deus gosta muito do Egito, mencionando-o em Seu Nobre Livro, por isso o abençoou com um clima moderado, agradável tanto no verão como no inverno, e por isso o protege da maldade dos inimigos”.

Vejam a quantidade de lixo que enfiam na cabeça das crianças! Esse nosso “clima moderado e agradável” é o próprio inferno. São sete meses, de março a outubro, de calor intenso que torra a nossa pele a ponto de dizimar os animais; o sol causticante faz derreter o asfalto das ruas. Mesmo assim, continuamos a agradecer a Deus por nosso belo clima! Se Deus protege o Egito da astúcia dos inimigos, como eles alegam, por que então fomos

subjugados por todos os povos da Terra? Na verdade, a história do Egito nada mais é do que uma série contínua de derrotas causadas por todos os povos, desde os romanos até os judeus!

Todas essas baboseiras me irritam, e o que mais me incomoda é que nós, os indolentes egípcios, nos identificamos com os faraós. Eles de fato foram uma grande civilização, mas qual é a nossa relação com eles? Somos o produto confuso e corrupto de uma miscigenação entre os soldados das tropas conquistadoras com as cativas dos povos conquistados. O camponês egípcio, cuja terra foi profanada e cuja hombridade foi desonrada pelas mãos dos conquistadores durante longos séculos, já perdeu tudo que o ligava a seus magníficos ancestrais, e de tanta sujeição à humilhação acabou se acostumando com ela e se entregando, até que, com o tempo, acabou adquirindo o espírito servil! Tente se recordar de quantos egípcios de fato corajosos você conheceu na vida! O egípcio, por maior que seja sua posição e por mais instruído que seja, curva-se diante de você se você for o mais forte. Sorri para você e o bajula, ao mesmo tempo que o odeia e planeja acabar com você de uma forma oculta e segura, que não lhe acarrete confronto nem perigo. Não passa de um criado. Este é o egípcio. Eu detesto os egípcios e o Egito, odeio-o de todo o coração, espero que piore e que se torne mais miserável ainda.

Apesar de ter o cuidado de esconder esse meu ódio para evitar problemas estúpidos, às vezes não consigo disfarçar. Certa feita estava na casa de um colega, assistindo a uma partida de futebol entre o Egito e outro país africano chamado Zaire, e quando o jogador zairense fez um gol no Egito, gritei feliz enquanto todos os presentes demonstravam seu desagrado com a minha alegria pela derrota. Seus olhares eram tristes e caídos, suas expressões transpiravam tristeza e impotência. É assim que os egípcios sempre aparentaram, há milhares de anos.

Libertei-me de uma só vez das ilusões, e me orgulho disso. Conheci muitas pessoas, entre elas vários sujeitos inteligentes e bem instruídos, que passaram a vida iludidos e enganados por crenças e teorias que perseguiram ao longo dos anos como miragem: nacionalismo, religião, marxismo — todas essas palavras brilhantes revelaram sua falsidade bem cedo para mim. Livrar-me da religião foi fácil, mas do marxismo, demorei mais. Admito que no marxismo há um lado racional respeitável, além do fato de que deixa uma marca na alma que se prolonga muito mais do que a própria ideia. Fui marxista comprometido durante dois anos, mas sempre sentia que mudaria. Nunca compreendi por que precisava me sacrificar por causa de seres comuns como os operários e os camponeses. Eu costumava observar as pessoas comuns contando suas piadas banais; observava-as nos dias de festa quando saíam às ruas apressadas, como bestas aticadas, esmagando com seus pés pesados e cegos tudo que era bonito. Naquele momento, as grandes palavras de Marx acerca do povo se encolhiam diante do meu desprezo e aversão. Deveria lutar e morrer por essas pessoas? São animais, nada merecem além da repulsa e de serem guiadas pelo terror, a única língua que entendem. Tente mostrar-se fraco diante de uma delas e veja o que faz com você! Com minha libertação do marxismo, consegui controlar minha mente, emancipando-a, e foi quando me senti sozinho. As ilusões, ao mesmo tempo que nos enganam, nos consolam, mas a verdade nua e crua é que nos jogam numa solidão cruel. À medida que conseguia adestrar minha mente, perdia o controle dos meus sentimentos. O mais complexo problema de raciocínio não representava nenhum desafio para mim, ao passo que a mais simples interação com as pessoas me deixava confuso e desarmado. Há uma relação indireta confirmada entre a cons-

ciência e a ação; a pessoa mais apta para agir é a menos ativa mentalmente, a mais estúpida e vice-versa. Quando a consciência se torna mais aguçada, o poder de ação se abala. Minha cabeça, que não para um segundo de pensar e analisar todas as possibilidades e probabilidades, impede-me de agir corretamente em situações consideradas banais e pelas quais passaria com facilidade. Quando vou à casa de um amigo pela primeira vez, me causa insônia a ideia de que o porteiro que não conheço vai me parar e perguntar a que apartamento desejo ir! A preocupação com a pergunta do porteiro me dominava a tal ponto que não raro insistia com meus amigos para nos encontrarmos em um lugar público em vez de visitá-los em suas casas (eles, é claro, não adivinham o motivo), mas quando no final sou obrigado a enfrentar a situação, no momento em que atravesso o portão do prédio onde mora o amigo, fico totalmente indeciso como uma criança: assobio, olho para meu relógio, mexo na manga da camisa, finjo que não estou me importando. Logo me chega a voz do porteiro, me chamando, mas como já passei por ele, ignoro seu chamado e ando apressado sem olhar para trás, mas ele vem correndo atrás de mim, me segue, e no final consegue me parar e perguntar. Mesmo esperando sua pergunta, cada vez sinto uma humilhação extrema por tudo que acontece. Às vezes chego a lhe responder com grosseria e firmeza, outras vezes me sinto totalmente arrasado diante dele, por isso gaguejo e as palavras saem da minha boca hesitantes e confusas, e naquele momento o porteiro se sente como um leão, levanta a voz, acerta-me com um olhar vindo de olhos fortes e esbugalhados, pois a essa altura já terá percebido minha fraqueza. O que nunca consigo em ocasiões como essa é me sentir dono da situação, confiante em minha capacidade de poder responder ao porteiro numa voz calma e um sorriso dizendo: “Vou ao apartamento do senhor fulano ou sicrano”. Se eu respondesse uma única vez dessa forma, ele re-

cuaria e encolheria, voltando imediatamente a seu tamanho natural. O que me falta é esse comportamento equilibrado, e não sei precisar se meus sentimentos confusos são atribuíveis a minha demasiada consciência ou às circunstâncias da minha criação. As lembranças da minha infância e adolescência são impressas na minha mente de forma um tanto “histórica”. Quando recordo os eventos da minha vida, me sinto um herói trágico recebendo os golpes do destino com um coração corajoso e nobre. Heróis, à diferença das pessoas normais, não se deparam com eventos efêmeros e ordinários. Tudo o que lhes ocorre é necessariamente grandioso e fatídico. Os eventos não são registrados na minha mente como flashes separados e espalhados, mas como uma linha contínua feita de pontos seguidos sem nenhuma previsão nem preparo prévio. Imagino aquilo como uma caixa de papelão subdividida em pequenos corredores.

Assim seria o aspecto da caixa, vista de cima, e por entre as passagens labirínticas caminha um bonequinho de madeira, cujos movimentos são controlados por muitas cordas, quase invisíveis de tão finas, mas fortes, irrompíveis, sendo que todas estão reunidas numa única mão grande fora da caixa. A mão dirige o movimento do boneco, e o dono da mão tem uma visão plena do interior da caixa e de seu labirinto, enquanto o boneco só consegue ver a trilha na qual caminha. Logo que chega ao fim da trilha, a mão o puxa rapidamente para outra trilha. Eu sou esse boneco, a caixa de papelão é minha vida e a mão grande é o destino.

O destino controla nossas vidas como faz a mão grande com o boneco com um implacável e inescapável controle. Brinca com nossas capacidades e nossos desejos, pelo simples prazer de brincar, sem bondade, nem justiça nem nada! Se ele tivesse consciência, nem que seja uma vez, das tristezas que nos causa, se sentisse a dor que nos impõe, esconderia a cara com vergonha de seus atos.

Desde pequeno ele gostava de desenhar: rostos, árvores, carros em ruas, tudo que seus olhos viam era gravado em sua jovem mente em detalhes. Suas linhas corriam no papel redesenhando as coisas da forma como ele as queria. Aos quinze anos, desenhar se tornou um problema, quando abandonou completamente o estudo. Toda manhã fugia da escola, com o dinheiro da mesada comprava cadernos de desenho e lápis de cor, depois caminhava até o Jardim Municipal no Zaqazîq, onde se isolava num banco vazio e desenhava. Seu pai o tratava com severidade, chegou a bater nele várias vezes, a esconder seus lápis de cor e a rasgar seus desenhos, mas nada disso adiantou, pois seu amor pelo desenho era maior. Aos vinte anos de idade, o pai morreu devido a um mal súbito e foi quando seu destino foi decidido. A última barreira se quebraria e ele deixaria o Zaqazîq, onde nasceu, para ir ao Cairo, onde viveria num pequeno quarto construído sobre uma casa antiga no bairro de Bein-Assarayât. Após dois anos apenas, já desenhava as principais caricaturas para três revistas semanais, e aos vinte e quatro

anos de idade já inaugurava a primeira exibição de pinturas a óleo.

Esta introdução seria realmente meritória se falássemos de Râghib ou Bikâr* ou de qualquer outro grande pintor, mas não estou falando desses. Isso foi o início de Abdulâti, já ouviam falar desse nome? Abdulâti era meu pai e, apesar do início vibrante e promissor, o fim foi estranho e inesperado: Abdulâti não brilhou, não conseguiu realizar seu sonho de pintor. Não conseguiu mudar nada nas artes plásticas como almejava e, após trinta anos de sua migração para o Cairo, meu pai continuava sendo um cartunista obscuro que ganhava a vida fazendo charges para a *Alhayât*, uma revista que ninguém lia, e ainda executava pequenas tarefas, como supervisionar o jornal mural em algumas escolas, além de dar aulas particulares de desenho para filhos de ricos. Isso foi tudo que meu pai tinha feito aos cinquenta anos de idade. Eu me perguntava: por que meu pai não teve sucesso? Não teria talento suficiente? Tenho certeza de que era mais talentoso do que muitos pintores que tiveram sucesso e fama. Será que foram a preguiça e os prazeres que acabaram com meu pai? Pelo contrário! Meu pai não abusava da bebida nem das drogas, a não ser nos últimos anos. Antes, trabalhava muito e com afinco. Várias vezes eu acordava de manhã quando era pequeno e o encontrava ainda sem dormir após passar a noite inteira trabalhando num quadro novo. Eu o amava naquele momento, seus olhos exaustos, seu rosto cansado e o sorriso leve e satisfeito. Enxugava as mãos rapidamente no avental manchado de tinta e se abaixava para me beijar e me abraçar, quando eu ficava tomado por seu cheiro agressivo e bom, depois me puxava um pouco para trás, apontava para o quadro no cavalete e me perguntava fingindo gravidade:

— O que acha deste trabalho, senhor? O senhor gosta?

* Sabri Râghib (1920-2000) e Hussein Bikâr (1912-2000) foram dois famosos pintores egípcios.

Minha mãe contestava brincando:

— Está perguntado ao Issam? Por acaso esse fedelho entende de pintura?

Meu pai confirmava ao me carregar e me beijar:

— Como não? Ele será um grande artista. Você vai ver.

Se não foi preguiça nem falta de talento, o que foi então? Quando cresci, entendi. O que faltava ao meu pai era o carisma. Aquela aura que cerca os famosos e que exerce influência nos outros.

O carisma é uma característica que não se adquire, alguns são abonados com ela, outros não. Os carismáticos têm um lugar reservado no topo desde o nascimento, basta-lhes trabalhar com um pouco de dedicação para que a admiração e a apreciação jorrem sobre eles. Mas, para quem não é carismático, seu esforço será sempre uma luta inglória contra a natureza, da qual sempre sairá perdedor, e por mais que se entregue ao trabalho, a apreciação das pessoas será sempre hesitante, entremeada com dúvidas e reservas.

Quem descobriu o Novo Mundo não foi Cristóvão Colombo, foi um navegante talentoso e velho chamado Pinzón, que acompanhava Colombo no navio, e foi ele quem indicou a Colombo a rota certa para o descobrimento, mas logo caiu no esquecimento sob o impacto do clamor da glória que irrompeu em torno do nome de Colombo, o sortudo carismático.

O destino do meu pai foi igual ao de Pinzón — ter nascido sem brilho, comum, igual a milhões. De estatura mediana, calvo e um tanto gordo, a gente podia sentar com ele durante uma hora, e quando ele fosse embora nunca mais pensaria naquela figura e talvez chegasse a errar seu nome se, porventura, a encontrasse de novo. Sua voz tinha uma leve rouquidão, que parecia passageira e que logo daria dar lugar à voz marcante, mas a

rouquidão nunca passava e a voz do meu pai saía abafada, formando frases atropeladas. Falava ligeiro, as palavras pareciam despencar de sua boca, e era incapaz de prender a atenção das pessoas no que dizia por mais de alguns minutos. Depois as pessoas se retiravam para buscar outras pessoas com quem pudessem conversar. Meu pai podia lhes puxar pela manga ou lhes tocar os ombros com os dedos para segurar sua atenção, feito uma criança impotente, cuja mãe andava apressada no meio da multidão e por isso se pendura na barra de seu vestido para não se perder. Em casa, meu pai não era o marido que impunha as regras, ele era totalmente guiado por minha mãe. Quando eu era pequeno, nunca me senti intimidado por meu pai, e quando, às vezes, ele me repreendia, uma vontade maldosa e gostosa me empurrava a desafiá-lo e desobedecê-lo. E quando cheguei ao colegial, meus colegas na Ibrahîmiya ficavam surpresos quando eu lhes contava que meu pai sabia quando eu cabulava as aulas. Eu lhe contava com calma que iria faltar às aulas no dia seguinte para ir ao cinema. Ele me escutava mexendo no bigode, como era seu costume quando ficava agitado ou surpreso. Depois fingia pensar por um instante e me perguntava após uma risada nervosa que servia como permissão:

— Você não tem medo de perder aulas importantes se faltar à escola?

Isso era tudo. Uma pergunta apenas e depois o assunto era deixado para mim: se ignorasse a pergunta, a coisa terminava ali mesmo, mas se eu hesitasse, ou parecesse pensativo, ele se animava e começava a me falar entusiasmado sobre a importância do estudo regular, e depois, com uma voz imprecisa, dizia:

— Não sei, quer dizer... Penso que não há necessidade de faltar, o que você acha?

Meu pai era fraco, por isso sua vida terminou numa derrota total. Mas, apesar da derrota e da fraqueza, eu o admirava. Admirava porque aceitou a própria derrota no silêncio de quem co-

nhecia as regras. Não encheu o mundo com lamentos nem se transformou num inseto venenoso. Quando havia um concurso importante, meu pai esperava o resultado com os outros candidatos e, quando ficava sabendo que tinha perdido e outro ganhara, não demonstrava surpresa nem se zangava, juntava com cuidado suas coisas, sorria com tristeza e depois apressava o passo para pegar o último ônibus. Quando se sentia à vontade com quem estivesse sentado no banco ao lado, começava a contar em tom neutro tudo que acontecera ao vizinho. Inicialmente o sujeito o acompanharia com pena, mas bastava uma pequena coisa, como o sapato do meu pai, sua camisa ou até seu rosto, para fazer o vizinho compreender o porquê do fracasso do meu pai, e por isso sua pena diminuía ou até mesmo desaparecia.

Nossa casa ficava lotada de gente à noite, muitos nomes, profissões e idades diferentes, quando alguns desapareciam por motivo de viagem ou morte eram substituídos por novos rostos, e apesar de suas diferenças, uma única linha os juntava, eram todos grandes projetos que não se realizaram: o Gâmidi era um professor de língua árabe, a poesia era seu sonho; Muhammad Irfân, ex-marxista que largou seu sonho de mudar o mundo e se satisfez com o jornalismo das celebridades, inventava histórias sobre dançarinas e cantores extorquindo seu dinheiro; havia também o “tio” Anwar, meu pai me contou que ele sonhava em ser um grande músico, mas acabou tocando cítara acompanhando uma dançarina chamada Sukkar, entre muitos outros. Um grupo de pessoas com sonhos esmagados, anciões da alegria, que se reuniam toda noite para amaldiçoar a sorte cega e o tempo corrompido. “Fulano que conhecemos e vimos quando pedia, pelo amor de Deus, um cigarro, agora brinca com o dinheiro, tem um casarão no Maâdi e um chalé no Ajami, além de três carros luxuo-

sos. E aquele cantor famoso que perdeu o concurso da rádio nos anos 50? Pasmem, pois eu era membro da comissão!” Quando me sentava com os amigos do meu pai, nunca sentia, nem por um instante, que eram amigos que se gostavam, eles discutiam muito e às vezes alguns se envolviam em brigas violentas, mas apesar disso sempre vinham, nunca deixavam de comparecer, pois o que os unia era mais forte do que a inimizade, eles precisavam dessas reuniões em que o sentimento de fracasso se dissolvia na percepção de pertencer a um grupo com um destino comum. Reunidos, ninguém tinha vergonha do próprio fracasso.

Eu arrumava qualquer desculpa para não me sentar com eles. Só ficava quando o tio Anwar estava presente, ele era diferente, o amigo mais próximo do meu pai, uma amizade de trinta anos os unia, desde que dividiram um único quarto no bairro Bein-Assarayât, quando meu pai sonhava com pintura e ele, com música. Anwar chegava a ganhar bem no seu trabalho com Sukkar e gastava com generosidade consigo e com os amigos. Era solteiro, não se casou por achar que o casamento era só desgosto, um atrás do outro, e que poderia levar à morte. Tio Anwar era engraçado, não passava um minuto sem escárnio e sem provocar o riso de quem estava por perto. Nas “noites de alegria”, como ele as chamava (e que aconteciam logo após o casamento de gente rica), tio Anwar aparecia na reunião carregado de “delícias”: uma garrafa grande de brandy, alguns gramas de haxixe de boa qualidade, um quilo de *kebab* e doces. Quando seus amigos o recebiam festivos, Anwar fazia cara de sério, jogava na frente deles o que trazia e falava num tom de pai rigoroso:

— Comam e bebam até que o fio branco possa ser distinguido no dia negro de seus pais!*

* No Ramadã, jejua-se desde antes da alvorada, “quando um fio branco possa ser distinguido de um preto” — expressão usada no Alcorão (2:187).

Tio Anwar não odiava a ninguém como odiava a dançarina Sukkar, escolhida por ele como tema da maior parte de suas piadas e calúnias. Quando a conversa secava e o silêncio reinava, alguém perguntava a Anwar como estava a “patroa”. Anwar começava a debochar habilidosamente da ignorância de Sukkar, de sua arrogância, de seus amigos ricos detestáveis. O lugar explodia novamente com os risos. Apesar do amor imperioso que Anwar tinha pela música, ele passava noites inteiras sem tocar, recusando, imediata e grosseiramente, se alguém lhe pedisse para tocar, e em caso de insistência, corria-se o risco de briga. Todos conheciam seu temperamento e sabiam também que, num dado instante, imprevisível, Anwar estenderia a mão, pegaria sua cítara, posicionaria os anéis dos dedos e começaria a tocar. Se alguém prestasse atenção no seu rosto quando terminava de tocar, diria que ele não enxergava mais ninguém, tampouco sabia onde estava. Quando terminava, Anwar recebia a ovação dos presentes e seus aplausos de admiração com um rosto pálido. Ficava assim por um tempinho antes de reassumir as palhaçadas e os sarcasmos, sinal de que o Anwar voltara!

Às terças-feiras não havia casamentos, por isso tio Anwar aparecia em casa cedo, o primeiro a chegar, ainda com vestígios do sono da noite anterior no rosto. Cumprimentava minha mãe com muita educação e seguia até o ateliê, tirava seu paletó, pendurava-o com cuidado, depois vestia sua túnica (ele deixava uma na nossa casa). Segundos depois entrava meu pai, tomavam o chá juntos, depois se sentavam no chão e ficavam ocupados preparando os equipamentos da noite. Começavam com a *guza*,* cuja limpeza e preparo era uma tarefa importante de que se ocupavam Anwar e meu pai, e que muitas vezes era motivo de discussão entre eles. Quando meu pai opinava que o problema

* Um tipo de narguilé de mão.

estava nas folhas grossas usadas para reforçar as juntas e que obstruíam a fumaça, Anwar insistia que era a mangueira que estava entupida. Eu os observava: Anwar com sua túnica verde listrada sentado sobre os pés, rasgando papeizinhos que enfiava entre o tubo da *guza* e o engaste do tabaco, com meu pai sentado do lado soprando na mangueira quando se ouvia o burburinho da água.

Quando chegaram ao Cairo, trinta anos antes, dois jovens artistas cheios de vontade e ambição, teriam pensado nesse destino? Como era distante o início e como era estranho o final! Geralmente era Anwar o mais hábil no diagnóstico do problema da *guza*, pois quando terminava de colocar o calço, queimava uma pedra para o teste, dando um demorado trago, seguido por uma tosse forte, e com os olhos vermelhos passava a mangueira para o pai dizendo:

— Não falei que era o calço? Agora, já está no ponto e pronto para o uso, pegue, puxe e peça a Deus que me abençoe!

Meu pai olhava sorrindo para ele e me dizia, antes de colocar o betilho na boca:

— Seu tio Anwar, antes da música, trabalhava como mecânico de *guza* em Bein-Assarayât.

Anwar então irrompia dizendo:

— Pare com isso, seu filho da puta, você quer que Issam tenha uma ideia errada de mim?

Depois virava para mim com cara de coitado e dizia:

— Cuidado, seu Issam, não acredite no seu pai. Eu sempre fui um homem direito! Foi seu pai que me ensinou a fumar haxixe, no início eu achava que era chocolate.

Era o ponto de partida para uma série de piadas e chistes até que a seriedade voltasse ao semblante de Anwar, que se levantava de repente, enfiava a mão no bolso do seu casaco pendurado, tirava uma pedra de haxixe embrulhada num celofane, entrega-

va a meu pai e este a cheirava primeiro depois a mordiscava e apertava com dedos. Dizia:

— Que beleza, Anwar! É do Mustafá? Que acha, esperamos pela turma ou começamos a tocar só nós?

Anwar então se agachava, apoiando-se nos pés de novo, e dizia num tom muito sério:

— Iniciamos então com um solo do *Maqâm Sîká*.*

Cortava com os dentes o haxixe em pequenos pedaços que distribuía sobre o forninho, acendia o carvão e começava a fumar. Faziam-me ficar com eles e fumar. Após algumas pedrinhas, a droga subia à cabeça de Anwar, que relaxava suas pálpebras inchadas deixando parecer um olhar distraído, balançava a cabeça como se acompanhasse uma conversa interna ouvida apenas por ele, depois virava para meu pai, sorria, batia na sua perna gorda e dizia:

— Sinceramente, seu Abdu, para que foi atrás desse negócio de pintura? Não teria sido melhor se tivesse aprendido a dança do ventre? Por acaso dançar é pecado? Teria sido outra coisa agora. Basta para aquela garota Sukkar fazer assim — aqui Anwar balançava seu ventre, levantando os braços para cima num movimento dançante — para ganhar quinhentas libras por noite, aquela filha da mãe!

Meu pai quase respondia, mas tio Anwar levantava de repente e ficava de pé no meio do quarto, e cheio de fervor gritava:

— O que me diz, Abdu? Tenha pena, homem, estou falando para você que basta fazer assim para ganhar quinhentas libras...

Assim, ambos, meu pai e Anwar, se entregavam a um longo riso.

* *Maqâm Sîká* é uma escala modal de música árabe, que começa com mi semibemol e com si semibemol.